

## RELATO DA QUARENTENA – PANDEMIA DO CORONAVIRUS (COVID-19)

Luandra Lucena Moschen

De repente um novo tipo de medo me despediu da realidade. Um medo que eu não sabia ainda como perceber, um sentimento que parece até não existir um nome apropriado para ele ainda. Sei que sentir medos faz parte da existência e é provável que passemos por alguns deles em momentos da vida. Uns mais, outros menos, de diferentes formas e intensidades.

Mas o medo de agora é novo e me colocou, inicialmente, no desafio de conhecê-lo. É difícil conhecer algo dolorido assim, sem ter a chance de dizer não, sem saber direito do que se trata.

Os primeiros dias da quarentena me deixaram muito assustada. As notícias vindas de outros lugares do mundo apresentavam uma ameaça que estava por chegar. Esse cenário me desestabilizou e me colocou em contato com lamentos internos e profundos.

As fontes de informações mais confiáveis afirmavam, e ainda alertam, que o inimigo virá. Ao escrever essa frase, sinto como se eu estivesse contando a respeito de uma guerra humana, de armas, de bombas. Acho que são elementos que vou resgatando do meu imaginário nesse exercício de descrever um momento difícil para a humanidade.

Há alguns dias tentei explicar para uma pessoa a sensação que eu estava sentindo e, então, pedi para ela imaginar uma imagem minha na praia, de frente para o mar, e uma enorme onda se aproximando, como um tsunami. Eu me apego aos desenhos do imaginário no esforço de tentar elaborar meus sentimentos.

Essa sensação de uma onda se aproximando me remete ao fato de poder enxergar o perigo de uma distância. Diferente de outras grandes

pestes que já afligiram os humanos, essa pandemia nos aproxima de outras realidades que também a vivem através da tecnologia em tempo real. É possível mais do que saber sobre coisas que acontecem em outros lugares, somos capazes de visualizar aquilo que os outros países estão vivendo, suas dificuldades e dores.

A onda que eu vejo é isso. É a realidade triste e dolorosa de mortes, sofrimento e dor chegando, aos poucos, e prometendo se aproximar da minha realidade. Essa onda já dói, mesmo de longe, porque traz sofrimentos em si. Ela carrega corpos sem permitir aos familiares a despedida. Traz em seu movimento o medo da morte e a tristeza da partida.

Paralisa-se, a onda, na minha imagem mental e eu posso observar detalhes daquilo que está dentro dela. Talvez sejam as telas contando sobre esse inimigo e fazendo a gente ver e imaginar

longe. Para onde essa onda vai me levar? Com que força ela vai bater sobre meus pés? Será que conseguirei nadar? Quantos ela vai carregar? São perguntas que me angustiam, me doem e me aproximam do luto, uma dor a qual já senti e deixou cicatrizes dolorosas em minha vida. É sobre medo, é sobre morte. É ali que a pandemia me toca.

Quando eu era criança, tinha medo de entrar no mar. Numa foto de infância, eu apareço no colo da minha avó na beira das ondas, momento simbólico que ilustra essa fragilidade que me faz vulnerável, o medo. Busco compreender esses cenários numa tentativa de torná-los conscientes, um exercício de buscar força para encarar essas ondas que sempre se desenharam em minha frente. Consigo lembrar de pontos fantasiosos que eu enxergava no mar, típico do imaginário infantil. Quando meus pais diziam “Cuidado para não cair no buraco!”, as palavras caíam no meu motor criativo, aquela habilidade de criança frente às metáforas. Eu imaginava um

buraco na areia que levaria ao fundo do mar, juntamente com os seres que habitavam esse lugar: enormes peixes, sereias, tubarões. Eu tinha medo de cair naquele buraco. Esse cenário imaginário me afastava da coragem de entrar no mar, mesmo que eu quisesse me divertir nas brincadeiras das ondas.

A pandemia do Coronavírus mudou as nossas vidas. Fez a gente parar. É difícil deixar de lado a vida que a gente leva. É preciso se despedir de bagagens que a gente construiu e que nos sustentam na rotina da vida. Para mim tem sido assim. Por mais que a vida nunca tenha sido leve de carregar, ando sentindo um saudoso vazio quando lembro da vida que eu levava um mês atrás, embora seja tão recente. Sinto saudades das ruas serem meu espaço de circulação, de caminhar no centro da cidade, de seguir a minha rotina de trabalho, de esperar ansiosa pelo final de semana, de abraçar as pessoas que eu amo. Sinto falta de dormir tranquila, preocupada apenas com males menores, que hoje até os considero sem importância, de não ter o medo e a angústia pendurados em mim no imenso tempo da existência diária, como se eu pudesse me afogar a qualquer momento.

Aquela grande onda que se desenhava nas minhas apreensões mentais continua ali, ostentando seu poder e me desafiando a ser forte. É difícil e dolorido olhar para ela e sentir meu corpo trêmulo se aproximando dos anseios de um luto. Eu sei como é a dor da morte, e também conheço as cicatrizes que ela desenha.

O primeiro momento da quarentena foi conhecer esse sentimento novo, que logo se identificou com outras dores que eu trazia em mim. Agora, já tem sido aprender a olhar, a compreender, e dar a esse sentimento novos significados.

## RELATOS DE UMA QUARENTENA

Busco em mim a coragem que eu encontrei para que, hoje, pudesse ter saudades de um banho de mar, para que eu conseguisse aprender a nadar sozinha e a saltar de cachoeira. E também a força para conseguir fazer a saudade do meu pai adormecer tranquila comigo todas as noites, numa leveza de vida que segue.

Aprender a olhar para os mecanismos que me moveram quando enfrentei a dor da despedida emaranhada na experiência da morte, ter força e coragem para seguir acreditando na continuidade da vida sem deixar o desespero me enterrar na areia. Espero encontrar, a partir desse momento, uma nova forma de me mover. Na audácia, mesmo diante das trêmulas incertezas que a existência me presta.

É enigmático se envolver nessa nova trama de sentimentos. Por isso, acredito que algo vai ser inevitável e vital quando isso passar. Talvez sejam banais ou triviais essas últimas palavras, mas a vida revela e ensina, mais uma vez, sobre medo, sobre força e sobre coragem. E isso não significa, no entanto, que estaremos preparados para um novo encontro com o medo e com a dor.

Gramado, 23 de abril de 2020.